



**SOLDADOS
RASOS** **FREDERIC
MANNING**

TRADUÇÃO FAL AZEVEDO
APRESENTAÇÃO SIMON CATERSON

CARAMBAIA

Introdução 11

SOLDADOS RASOS 25

Cronologia 471

SOLDADOS RASOS

*Para Peter Davies,
que me fez escrever
esta história*

PREFÁCIO

No chapéu da fortuna, não somos sequer um botão... Então, viveis em volta de sua cintura ou por entre seus favores?... Pela fé, vivemos nós em meio às intimidades da fortuna.

William Shakespeare, *Hamlet*,
ato II, cena II

As páginas seguintes são um registro de experiências nos fronts do Somme e do Ancre, com um intervalo atrás das linhas, durante a segunda metade do ano de 1916; e os eventos descritos aqui realmente aconteceram; mas os personagens são fictícios. É verdade que, ao registrar as conversas dos soldados, eu às vezes achava que ouvia vozes de fantasmas. Suas opiniões eram necessariamente parciais e preconceituosas; mas preconceitos e parcialidades fornecem a maior parte da força motriz da vida. É melhor permitir que um anule o outro do que tentar estabelecer uma média entre eles.

Médias são incolores demais, demasiado abstratas, em todos os sentidos, para representar a experiência concreta. Eu não criei retratos; e minha preocupação tem sido, principalmente, com as fileiras anônimas, cuja opinião, muitas vezes baseada em mera suposição e mal informada, mas real e verdadeira para eles, eu tentei representar fielmente.

1

*A mim, tanto faz; um homem só morre
uma vez; devemos uma morte a Deus [...].
Tome o caminho que tomar, aquele que
morre este ano estará quite para o próximo.*
William Shakespeare, *Henrique IV*,
ato III, cena II

A escuridão avançava rapidamente, conforme o céu se enchia de nuvens pesadas e trovões ameaçadores ressoavam. Aqui e ali se ouviam ainda algumas explosões intermitentes. Assim que houve uma pausa no bombardeio, eles começaram a voltar para a formação original da melhor forma possível. Bourne, completamente esgotado, aos poucos foi ficando para trás e, na tentativa de não perder de vista os companheiros, desequilibrou-se e caiu em um buraco deixado pela explosão de uma granada.

Quando conseguiu se erguer, os outros já tinham desaparecido e, incerto da direção a tomar, acabou tropeçando nos próprios pés. Não correu nem diminuiu o ritmo; estava tonto, quase fora de si, e governado apenas pelo desejo de chegar ao fim daquilo. Em algum lugar, em algum momento, dormiria. Quase despencou para dentro da trincheira destruída e, depois de um momento de

hesitação, virou à esquerda, pouco se importando aonde aquele caminho o levaria.

O mundo parecia extraordinariamente vazio de homens, apesar de ele saber que o chão fervilhava de soldados. Respirava com dificuldade, a boca e a garganta como que rachadas pela secura; seu cantil estava vazio. Alcançando um abrigo subterrâneo, tateou o caminho, medindo cada passo sob os pés; um pedaço torcido de lona, pendurado no meio da passagem, raspou-lhe a bochecha; um pouco mais adiante, subitamente sentiu o rosto envolvido nas dobras mofadas de um cobertor. O abrigo estava vazio. Deixou-se cair ali mesmo, imediatamente, indiferente a tudo. Depois, com as mãos tremendo, pegou seus cigarros e colocou um entre os lábios, riscando o fósforo. A chama revelou o toco de uma vela preso pelo próprio sebo na tampa de uma lata de tabaco. Ele o acendeu; não era mais alto que uma moeda, mas seria suficiente. Logo terminaria o cigarro e seguiria para encontrar sua companhia.

Havia uma espécie de assento escavado na parede do abrigo e ele notou, pela primeira vez, os restos esfarrapados de um cobertor largado ali; então, entre as dobras do tecido, cintilando secretamente ao reflexo da luz, um pequeno disco de metal: a tampa que recobria a rolha de um pequeno cantil. Alcançou-o, e seu peso deixou claro que estava cheio. Fazendo saltar a rolha do gargalo, levou a garrafa metálica aos lábios e tomou um grande gole antes de descobrir que estava tragando uísque puro. A ardência do líquido quase o sufocou. Surpreso, cuspiu

uma boa parte do que ainda tinha na boca. Então, recuperando-se, deu outro gole: menor, mas suficiente. Meditava sobre demorar-se na apreciação da bebida quando ouviu homens tateando o caminho até as escadas. Arrolhou a garrafa, escondeu-a rapidamente sob o cobertor e afastou-se até o que parecia ser uma distância inocente da tentação.

Três escoceses entraram; estavam tão exauridos e alquebrados quanto ele, como pôde perceber pelas vozes irregulares; mas, ocultando seu verdadeiro estado sob um manto de indiferença, contaram-lhe que alguns de seus companheiros viraram à esquerda, na direção de um abrigo a 50 jardas. Eles também tinham se perdido e perguntaram-lhe coisas, mas Bourne não pôde ajudá-los. Começaram, então, uma discussão incoerente sobre qual seria a melhor coisa a fazer em tais circunstâncias. O dialeto no qual falavam permitiu que Bourne acompanhasse apenas parcialmente o que era dito, mas pelo tom da conversa foi fácil perceber a indecisão dos homens, que, de tão cansados, procuravam em suas dificuldades qualquer pretexto para não fazer nada. Subitamente consciente da própria situação, Bourne jogou fora a guimba de cigarro e decidiu partir. A vela bruxuleava, a chama quase extinta; logo o abrigo mergulharia novamente na escuridão. Sufocou, prudentemente, o impulso de contar aos homens sobre o uísque; talvez o encontrassem por si mesmos; era uma questão que poderia ser deixada para a providência ou o acaso decidirem. Estava indo em direção à escada quando uma voz, abafada pela lona, chegou do exterior.

“Quem está aí embaixo?”

Não havia dúvidas quanto à autoridade da voz e Bourne respondeu de pronto. Um momento de silêncio e, então, o cobertor de dobras mofadas foi afastado para o lado e um oficial entrou. Era o sr. Clinton, com quem Bourne lutara em Tregelly.

“Ei, Bourne!” cumprimentou-o, e, então, vendo os outros homens, virou-se e interrogou-os gentilmente com a voz suave. O rosto tinha a palidez esverdeada de cera de abelha bruta, e os olhos estavam vermelhos e cansados; as mãos tremiam tanto quanto as deles, e trazia na voz a mesma nota de superexcitação; mas ele os escutou sem nenhum sinal de impaciência. “Bem, não quero apressar vocês”, disse por fim, “mas seu batalhão partirá antes de nós. A melhor coisa a fazer é cortar caminho até ele. Estão a menos de 100 jardas mais abaixo da trincheira. Vocês não vão querer voltar ao acampamento por conta própria; isso não parece bom. Então é melhor partirem agora. O que desejam mesmo são doze horas de sono, e eu apenas estou apontando o caminho mais curto até seus travesseiros.”

Sua argumentação foi aceita com tranquilidade, pois estavam dispostos a fazê-lo; como qualquer um que estivesse exausto e em condições semelhantes, ficaram felizes por ter alguém para determinar o que deveriam fazer. Assim agradeceram e desejaram-lhe boa noite, se não de todo felizes, pelo menos com o ar de homens sensatos, que apreciaram sua gentileza. Bourne pensou em segui-los, mas o sr. Clinton o impediu.

“Espere um instante, Bourne, e iremos juntos”, disse quando o último escocês subiu a escada íngreme. “É indecente seguir tão de perto um escocês das Highlands, vestindo *kilt*, ao sair de um abrigo. Além disso, deixei uma coisa aqui.”

Olhando ao redor, foi direto ao cobertor e pegou a garrafa metálica. Devia parecer mais leve do que esperava, pois chacoalhou-a com ar desconfiado antes de sacar a rolha. Tomou um bom gole, apreciando-o em silêncio.

“Deixei essa garrafa cheia de uísque”, disse ele por fim, “mas os malditos Jocks³ devem ter sentido o cheiro. Você sabe, Bourne, não sou bêbado como alguns deles, mas, por Deus, quando volto, quero uma bebida. Aqui, tome um pouco, você parece estar precisando.”

Bourne pegou a garrafa sem hesitar; estava nas mesmas condições. Vivia segundo a segundo aquele intervalo atemporal; vivia para o choque da violência do ataque. Aquele instante perigoso, no qual se equilibrava tão precariamente, era tudo o que a consciência meio atordoada de um homem poderia compreender; se ele perdesse esse parco controle, mergulharia novamente nos pesadelos de sua própria mente, repletos de terrores e criaturas grotescas. Depois, quando a tensão cedesse ao alívio e à exaustão física que se seguiria, haveria um colapso no qual a natureza emocional do homem não estaria mais sob seu controle.

“Estamos no próximo abrigo, pelo menos os que sobraram do nosso grupo”, continuou o sr.

³ [N.T.]: Jock é o apelido (ou uma variação do nome) que os escoceses dão a Jack.

Clinton. “Estou feliz que tenha conseguido chegar até aqui, Bourne. Você participou da última ofensiva, não? Pareceu-me que os velhos hunos⁴ estão vindo com tudo e, se puderem, não vão querer abandonar suas posições. De qualquer forma, devemos ouvir o que aconteceu na frente. Não acredito que tenha restado mais de uma centena dos nossos.”

A maneira como falava, de forma cada vez mais rápida, mostrava que o uísque, afinal, começava a deixar seus nervos em frangalhos: em Bourne, tinha-o estabilizado, por enquanto. A chama da vela bruxuleou e apagou-se. O sr. Clinton acendeu a lanterna e enfiou a garrafa metálica no fundo do bolso da capa de chuva.

“Venha”, disse, dirigindo-se para a escada, “você e eu somos dois sujeitos de sorte, Bourne; passamos por isso sem um arranhão e, se a sorte continuar do nosso lado, pularemos de uma maldita desgraça para outra até cairmos, ouviu? Até que não aguentemos mais.”

Bourne sentiu a garganta se fechando: não havia fraqueza ou lamúria na voz do sr. Clinton; ela estava cheia de uma dolorosa ira. Apagou a lanterna quando passaram sob a lona.

“Não diga asneiras”, Bourne disse a ele na escuridão. “O senhor jamais cederá.”

O oficial não deu sinal de ter ouvido a repreensão simpática, mas inapropriada. Andaram em silêncio ao longo da trincheira danificada. O céu brilhava com o disparo das armas, e um tiro de morteiro

4 [N.T.]: Soldados alemães.

encheu o caminho de luz. Ao abaixar-se, Bourne viu um homem morto no campo cinzento, escorado em um canto da trincheira. Provavelmente, já ferido, tinha se rendido e chegara à linha inimiga apenas para morrer ali. Parecia indiferente aos escombros. Seu rosto descolorido estava vazio, sem expressão. Ao dobrarem uma curva, foram interpelados pela sentinela do abrigo.

“Boa noite, Bourne”, despediu-se o sr. Clinton em voz baixa.

“Boa noite, senhor”, saudou-o Bourne, batendo continência; e trocou algumas palavras com a sentinela.

“Por Cristo que eles comecem a avançar”, disse a sentinela enquanto Bourne se virava para descer.

O abrigo estava cheio de homens, e todos os rostos, tensos e vincados, viraram-se para ver quem tinha entrado. No instante seguinte, o lampejo de interesse transformou-se em apatia e estupor novamente. O ar estava pesado por causa da fumaça e do fedor das velas derretidas. Viu Shem erguer a mão para atrair sua atenção e conseguiu chegar até ele, sentando-se espremido a seu lado. Não falaram nada depois de um ter perguntado ao outro se tudo estava bem; uma opressão pairava sobre todos os rapazes; sentavam-se como homens condenados à morte.

“Fico me perguntando se irão nos manter no apoio”, sussurrou Shem. Provavelmente essa era a pergunta que todos os soldados se faziam, enquanto ficavam ali, em sua amarga resignação, os rostos enigmáticos, melancólicos, sem esperanças mas invencíveis; mesmo os garo-

tos pareciam curiosamente velhos. E então, de repente, tudo mudou, e os movimentos tornaram-se apressados: rapidamente as fivelas dos cintos se fecharam, os rifles foram erguidos e, levantando-se, os homens lançaram-se à frente. Shem e Bourne estavam entre os primeiros a sair. Moveram-se em uníssono.

Projéteis voavam sobre suas cabeças; um ou dois tiros de morteiro explodiram perto dali, mas eles não viam nada além dos lados da trincheira, esbranquiçados de cal em alguns pontos, o capacete de aço sobre os ombros agitados do homem à frente ou o balançar frenético dos ramos de árvores e o céu coalhado de nuvens, por onde se entrevia a paz inalcançável das estrelas. Pareciam correr à medida que o sentimento de fuga os invadia. As paredes da trincheira de comunicação tornaram-se, pouco a pouco, mais baixas; a trilha inclinou-se e eles subiram pelas encostas de bruços até, finalmente, emergir perto do chão. O oficial, postado ao largo, verificou quantos homens faltavam se apresentar, e assim formaram duas colunas à sua frente. Havia pouca luz, mas debaixo das abas dos capacetes podiam-se ver olhos vivos movendo-se sem descanso em rostos inexpressivos. Ele também trazia a expressão vazia pelo cansaço, mas mantinha-se em pé, o bastão de comando debaixo do braço e sombras pardas à sua volta embaralhando-se segundo alguma ordem desconhecida. As ordens que vinham dele nada mais eram do que sussurros, a voz cansada e não exatamente sob controle, embora houvesse alguma firmeza nela. Então separaram-se em

grupos de quatro, para longe da crista do monte, em direção a um lugar que eles chamavam de Happy Valley.

Não tinham muito para onde ir. Conforme estavam se aproximando das barracas, uma granada explodiu perto das mulas da trincheira de apoio e isso as agitou um pouco, mas não muito. O capitão Malet chamou-as, reunindo-as um pouco depois. Das barracas, geógrafos de campo, cozinheiros, oficiais de patentes mais altas e alguns homens sem colocação reuniram-se em grupos para assistir à cena, com uma genuína simpatia, mas com uma distância tática – como se houvesse um abismo entre os homens que tinham acabado de voltar da batalha e aqueles que não tinham estado lá, tão intransponível quanto aquele que existe entre o sóbrio e o bêbado. O capitão Malet fez seus homens pararem na altura da barraca que abrigava a administração do acampamento. Podia até ser um pretexto para mandá-los entrar em formação. Então encarou-os, dezenas de olhos fixados nele por poucos segundos que pareceram uma eternidade. Eram apenas sombras na escuridão.

“Dispensar!”

A ordem foi dada em uma voz ainda mais baixa, mas eles se viraram quase com a precisão de tropas perfiladas em uma praça, cada rifle posto ao longo do corpo com elegância. O oficial bateu continência e, em seguida, a vontade que os mantinha unidos se dissolveu, os músculos tensos relaxaram e foram todos para suas barracas, tão silenciosos e desanimados quanto homens alquebrados. Um dos alfaiates tirou o cachimbo da boca e cuspiu no chão.

“Eles podem dizer a besteira que bem quiserem”, disse, apreciativo, “mas nós somos um regimento do caralho.”

Durante a noite, Bourne teve um acesso inexplicável de terror e, depois de, ainda desnortado, ter se esforçado para lembrar o que sonhara, virou-se e tentou dormir novamente. Não lembrava nada do pesadelo que o havia acordado, se é que fora um pesadelo, mas aos poucos despertou o suficiente para notar que os outros homens eram igualmente atingidos por uma vaga inquietação. Percebeu isso primeiro em Shem, cujo corpo, quase tocando o seu, tinha acabado de dar um salto rápido e convulsivo, continuando a se retorcer por um momento enquanto ele murmurava palavras ininteligíveis e mexia os lábios como se estivesse tentando umedecê-los. A inquietação misteriosa passava de um para outro, lábios se entreabriam com o som de uma bolha estourando, dentes rangiam enquanto queixos batiam, alguns poucos sussurros que rapidamente se transformaram em soluços e depois em longos gemidos de sofrimento ou culminavam em raivas e mal articuladas obscenidades para, então, cessar, com movimentos forçados e difíceis de respiração pesada, os homens voltando a um sono mais profundo.

Mesmo que Bourne tentasse se convencer de que aquela agitação agoniada era meramente reflexo da ação – parte de um processo físico inconsciente pelo qual nervos desorientados procuravam se reajustar – ou a execução

tardia de algum movimento instintivo que um excesso de cavalgada tinha contrariado em seu despertar original, sua própria mente consciente agora se via preenchida com as paixões das quais os murmúrios e a agitação ouvidos na escuridão eram apenas um mimetismo inconsciente. Os sentidos certamente têm, de alguma maneira, atividade independente, que os mantêm vigilantes mesmo com a mente eclipsada. A escuridão parecia-lhe ser obrigatoriamente preenchida com os lamentos da carne atormentada, como se alguma coisa diabólica por ali rondasse, curiosa em encontrar nervos sensíveis a fim de arrancar deles um grito relutante de dor.

Por fim, incapaz de ignorar o sentimento de miséria que o invadira, sentou-se e acendeu o inevitável cigarro. Os terrores amorfos que assombravam o sono tomaram forma. Sua mente voltou ao dia anterior, tateando entre memórias obscuras e esmaecidas; parecia-lhe agora que, na maior parte do tempo, estivera atordoado e cego, e o que presenciara voltava à sua mente em flashes repentinos, vívidos. Sentiu novamente a tensão da espera que se convertia em impaciência e revivia o imenso esforço para se mover, assim como o alívio momentâneo que vem com o movimento, a sensação de irrealidade e pavor que tomava o corpo; o equilíbrio precariamente restaurado ao ver outros homens avançarem de forma aparentemente banal, mecânica, como parte de uma rotina; a cautela e todas as vozes dentro de cada um gritando para que se apressassem. Pressa? Ninguém pode correr sozinho rumo a lugar

nenhum, em direção ao nada. Cada impulso criava imediatamente sua própria contradição violenta. A confusão e o tumulto em sua mente eram inseparáveis da fúria sem sentido que se abatia sobre ele, reforçando-se mutuamente.

Viu grandes trechos do front alemão destroçados pelas bombas assim que a artilharia abriu o caminho para eles; nuvens de poeira e fumaça tomavam o horizonte, mas os hunos buscavam escrupulosamente por eles; o ar, cheio de urgência e sofreguidão, era rasgado pelo barulho das bombas, sibilando como toneladas de metal fundido mergulhadas subitamente na água. A explosão e o subsequente abalo esmagaram os homens, aniquilados em erupções súbitas de terra, destroçados e reduzidos a fragmentos sangrentos espalhados por toda parte. Granadas eram como gatos selvagens saltando e cuspidos; ele ouviu pequenos sons, desagradavelmente próximos, como cordas esticadas arrebatando, e, então, algo se enrolou em torno de seus pés, rasgando sua calça e as grevas ao tropeçar, e Bourne encarou um rosto, uma face inconcebivelmente distorcida, delirando e chorando enquanto caíam juntos em um buraco de bomba.

Viu, espantado, o traseiro nu de um escocês que tinha entrado em ação usando apenas um *kilt*; e então se endireitaram e olharam um para o outro, perplexos e humilhados. Seguiu-se um momento de lucidez enquanto tomavam fôlego, e ele encontrou-se, embora sem ferimentos, perguntando a si mesmo, com uma prudência insana, onde ficaria o hospital de campo mais próximo.

Outros homens apareceram; dois outros Gordons⁵ se juntaram à dupla, e depois o sr. Halliday, que se lançou sobre eles mantendo a cabeça bem abaixada e xingando-os sem parar de malditos covardes. Tinha um pequeno ferimento no antebraço. Seguiram avançando, a poeira e a fumaça começavam a se dissipar, e então ouviram o zunido das granadas de mão assim que alcançaram uma trincheira vazia, muito estreita, que ainda não havia desmoronado ou sido enterrada. O sr. Halliday foi novamente atingido, no joelho, antes de chegarem à trincheira, e Bourne sentiu alguma coisa acertar a frente de sua túnica. Puxaram o sr. Halliday para dentro da trincheira e o deixaram com um dos escoceses que também tinha sido atingido. Os homens estavam dirigindo-se para lá, e ele, mais uma vez, avançou com alguns soldados de sua companhia.

Desde o momento em que tinha se jogado com o escocês no buraco de bomba, alguma coisa mudara dentro dele; o conflito que tumultuava seus pensamentos aparentemente tinha ido embora; sua mente parecia tê-lo abandonado, contraindo-se e enrijecendo-se dentro dele; o medo permanecera, um temor implacável e inquieto, mas que também, como se tivesse sido malhado e forjado até um ponto de sensibilidade requintado, se tornara indistinguível do ódio. Apenas os instintos animais tinham sobrevivido; cada sentido estava alerta e a tensão, pungente.

5 [N.T.]: Assim eram chamados os soldados escoceses que faziam parte do The Gordon Highlanders, um regimento de infantaria do exército britânico.

Ele também não sabia onde estava, nem aonde iria; não conseguia traçar nenhum plano porque não conseguia prever nada. Tudo que estava acontecendo era inevitável e inesperado; e ele era mais um evento em toda uma cadeia de eventos. Embora seus movimentos precisassem estar, de forma espontânea, de acordo com os dos outros, como parte de algum plano infinitamente flexível que Bourne não compreendia muito claramente, nem em relação a seu objetivo imediato, ele não poderia confiar em ninguém senão nele mesmo.

Trabalhavam em torno de uma posição ainda protegida por metralhadoras, através de um sistema bastante intrincado de trincheiras que se ligavam a buracos de bombas. As trincheiras eram pouco mais do que tocas de fuga por meio das quais os metralhadores, depois de deter o máximo possível o avanço da infantaria, talvez pudessem recuar para alguma outra posição e retomar seu trabalho, ganhando, assim, tempo para as tropas na retaguarda recuperarem-se dos efeitos do bombardeio e saírem de seus esconderijos. Eram homens especialmente corajosos, aqueles atiradores prussianos, mas o extremo heroísmo, tanto no inimigo quanto no amigo, é indistinguível do desespero.

Bourne se viu repetindo a brincadeira de sua infância – não naquele momento, entre as rochas das quais o calor reverberava em películas ondulantes, mas nas fissuras calcárias e imutáveis, para um esconderijo perfeito. Talvez não se tenha, aos 30 anos, o mesmo entu-

siasmo pelo jogo como o que se teve aos 13, mas o senso de perigo despertado por uma experiência latente, que tinha se tornado nele uma espécie de instinto, levou-o a se movimentar por aqueles caminhos tortuosos com a astúcia furtiva de um arminho ou de uma doninha. Inclinando-se em ângulo na trincheira, viu o caminho à frente um tanto reto e vazio. Quando o homem que estava atrás se aproximou, Bourne prosseguiu, ainda inclinado. A linha de avanço, segura em um ponto, inevitavelmente tendia a virar um cerco e, de repente, foi abandonada pelos poucos homens que a sustentavam.

Bourne, correndo, percebeu quando um huno, apressado, avançou pela curva seguinte de forma precipitada; reparou que ele manteve sua posição e se encolheu numa postura defensiva. Disparou sem erguer a coronha de seu rifle acima do mamilo esquerdo. O soldado sentiu o tiro no rosto e alguém gritou para que Bourne seguisse em frente; o corpo caiu em um canto e se contorceu, mexendo quando Bourne colocou o pé em cima dele, fazendo com que, felizmente, voltasse para verificar de novo. Enquanto isso, uma bomba explodiu a alguns pés depois da curva. Bourne virou-se, consternado, para o homem atrás dele, mas por trás do bombardeiro viu o sorriso desagradável do capitão Malet e seu rosto estranhamente exultante; incapaz de um discurso articulado, Bourne conseguiu apenas acenar para indicar o caminho pelo qual, achava ele, os hunos tinham avançado.

O capitão Malet se jogou no chão, e os homens, seguindo-o, inundaram o estreito canal da trincheira; mas as duas ondas que tinham varrido o nicho da metralhadora agora estavam no ponto de encontro. Os homens contaram algumas baixas, antes de lançarem-se novamente no chão. O capitão Malet disse alguma coisa, e Bourne, encarando-o com olhos baços e sem compreensão, retardou-se um pouco para deixar os outros passarem entre eles. Viu que estava logo atrás do sargento-mor Glasspool, que acenou para ele rapidamente, em sinal de aprovação; e então Bourne entendeu. Ele estava fazendo a coisa certa. Na pressa, tinha assumido a liderança de alguma forma e por um breve momento, mas percebeu que só tinha continuado porque fora incapaz de manter-se parado. A sensação de ser um em uma multidão não lhe deu a mesma confiança do início; o estágio atual parecia pedir uma liberdade um pouco mais pessoal. Naquele momento, apenas porque estavam juntos, os soldados corriam ao encontro de alguma coisa, em vez de persegui-la. Dois homens de outro regimento, que presumivelmente tinham se perdido, voltavam, por um momento, desmoralizados, e o sargento-mor Glasspool os confrontou.

“Aonde diabos vocês dois acham que estão indo?”

Ele lançou a pergunta com o *staccato* de uma metralhadora; diante da histeria dos dois, ele era a encarnação viva de uma ameaça.

“Fomos chamados de volta”, disse um deles, coberto de vergonha e medo.

“Sim, vocês recebem suas ordens idiotas da porra de um Fritz⁶!”, Glasspool, com os lábios brancos e o peito arfando, disparou sarcasticamente para os dois. Tinham se aproximado bastante silenciosos, mas toda a raiva e o ódio em seus corações encontraram ali seu foco. Esqueceu-os tão logo os teve na mão.

“Você está certo, amigo”, sussurrou Bourne ao que tinha falado. “Volte para seu regimento assim que houver uma chance.” O homem só olhou para ele, friamente. No avanço seguinte, alguma coisa atingiu o capacete de Bourne, batendo em sua nuca de modo tão forte que o fecho machucou suas orelhas. No momento, pensou que tivesse sido nocauteado; também tinha mordido a língua e sua boca estava salgada, cheia de sangue. O golpe deixara um amassado profundo no capacete e acabou rompendo o aço. Ele ainda se sentia confuso e abalado quando alcançaram as ruínas de uma construção da qual parecia se lembrar. Estavam perto da estação ferroviária.

Desejou poder dormir; mal conseguia manter as pálpebras erguidas, mas sua memória inquieta fez do sono uma coisa a ser tão evitada quanto a morte. Fechou os olhos e teve uma visão dos homens avançando sob uma chuva de balas. Pareciam de brinquedo, tão triviais e inócuos, opondo-se àquela ira esmagadora e, ainda assim, seguiam em frente de forma mecânica, como se hipnotizados ou fascinados por uma vontade superior. Esta foi uma das impressões

6 [N.T.]: Soldado alemão.

mais vívidas de Bourne durante a ofensiva, um homem próximo a ele que continuava avançando com o mesmo ritmo metódico de um brinquedo de corda. A imagem lhe tinha ficado vívida por causa do alívio trazido por ter se voltado para o homem e tomado distância da confusão e do tumulto da própria mente. Parecia impossível relacionar aquela figura inferior, comum, tão pouco heroica – com um uniforme cáqui que não lhe servia e um capacete que parecia a bacia de barbeiro que Dom Quixote empunhava em suas aventuras – com o conflito moral e espiritual, quase sobre-humano em sua agonia, dentro dele.

O poder é medido pela quantidade de resistência que ele supera e, em última instância, o poder moral dos homens era maior do que qualquer força puramente material que pudesse ser exercida sobre ele. Isso fazia da morte iminente uma opção; embora, paradoxalmente, a função de nossa natureza moral consista unicamente na afirmação da vontade do próprio indivíduo de ir contra tudo o que pode se opor a ele. A morte, portanto, implicaria sua extinção, no caso particular e individual. A interioridade verdadeira da tragédia reside no fato de que seu fracasso é apenas aparente e, como é o caso do mártir também, a consciência moral do homem tem feito a própria escolha deliberada na afirmação da liberdade de seu ser. O senso de esforço desperdiçado só é verdadeiro para as naturezas mais cruéis e materiais. Ele leva ao risco mais horrível de mutilação. Mas, para o próprio Bourne e, já que o impulso moral não é necessariamente um ato intelectual, pro-

vavelmente também para a maioria de seus camaradas, força e fraqueza estavam inseparavelmente emaranhadas.

Um homem ser morto por uma bala que lhe atravessa o cérebro ou ser despedaçado por uma bomba potente pode parecer indiferente ao inimigo consciente ou a qualquer observador bem posicionado – que, na verdade, é bem provável que esteja certo; mas, para o pobre tolo candidato à honra póstuma e que necessariamente tem mais interesse no assunto, é uma questão importante. Talvez ele seja vítima de uma ilusão como todos que, nas palavras de Paulo, são tolos pelo amor em Cristo; mas ele viu, em seu caminho, um homem ser baleado com um único tiro e ser deixado para trás, o rosto para baixo, morto; e viu outro transformado em farrapos sangrentos por alguma besta invisível. Essas experiências não têm nada de ilusórias: são fatos reais. A morte, obviamente, assim como a castidade, não admite níveis. Um homem está morto ou não está, e um homem ou é morto por um meio ou por outro; mas é infinitamente mais horrível e revoltante encontrar um homem despedaçado e eviscerado do que vê-lo baleado. E alguém observa tais coisas e indiretamente sofre com a inalienável simpatia de um homem a outro. Esquece aquilo rapidamente. Evita pensar no fato, assim como olhar. Tranquiliza-se após o primeiro grito desesperado: “Sou eu!”

“Não, não sou eu. Não vou acabar assim.”

E prossegue, deixando a coisa despedaçada e sangrenta para trás: apostando, na verdade, na implícita garantia

que cada um de nós tem da própria imortalidade. Esquece, mas vai se lembrar mais tarde, mesmo que só em sonho.

Depois de tudo, os mortos ficam quietos. Nada no mundo é mais silencioso do que um homem morto. Veem-se homens vivendo como podem, desesperadamente, e então, de súbito, estão esvaziados de vida. Um homem morre e endurece como um boneco feito de madeira para o qual se olha por um segundo com curiosidade furtiva. De repente, ele se lembrou dos mortos na floresta de Trônes, os mortos insepultos com quem viveu, poderia dizer, lado a lado; bretão e huno imparcialmente confundidos, apodrecendo, sendo corrompidos pelas moscas, servindo de repasto para os ratos, escurecendo sob o calor, inchados com a barriga dilatada, ou sendo dissecados em suas roupas enlameadas; e mesmo quando a noite os cobria, sentia-se o cheiro da morte carregado pelo vento. De um maldito sofrimento a outro, até cedermos. Não se deve ceder. Ele inspirou de repente, com um soluço abafado, e a mente renunciou, sem esperança. A escuridão quente e malcheirosa da barraca parecia quase um luxo fácil. Caiu no sono pesado, sonhando com a delicadeza feminina, a doçura; mas os rostos fugiam dele como reflexos na água quando o vento os sopra para longe, e sua alma afundou, cada vez mais, na cura do esquecimento.

2

*Contudo, quase nada mais conservo
de homem; minha mãe veio até meus olhos
e deu-me as lágrimas que agora derramo.*

William Shakespeare, *Henrique V*,
ato IV, cena VI

Era tarde quando acordaram, mas estavam relutantes em se mover. A barraca onde estavam permitia-lhes a única privacidade que conheciam, e eles queriam esconder-se até que recobrassem a coragem. Entre eles eram solidários e até gentis e, instintivamente, ajudavam-se, pois ao compartilhar a mesma experiência havia surgido um entendimento tácito. Conheciam-se uns aos outros, e seus egoísmos tinham estabelecido equilíbrio e disciplina próprios. Mantinham seus sentimentos encarcerados no peito. Ninguém os incomodava e poderiam ter ficado lá por horas, preocupados com seus inatingíveis devaneios sem forma ou simplesmente meditando; mas, qualquer que fosse o mundo remoto e inacessível que a mente escolhesse habitar, o corpo tinha sua própria rotina inexorável. Levava-os, no fim, para uma trincheira sem proteção que lhes servia de latrina. Eles se sentavam sobre

Este livro foi impresso em papel Polén Soft 80 g/m² em fevereiro de 2015 pela Geográfica. As fontes utilizadas são a Lyon Text, desenhada por Kai Bernau, e Trim, desenhada por Göran Söderström.

Há quatro opções de capa. Todas trazem detalhes de dois cartazes produzidos pelo artista gráfico e tipógrafo tcheco Vojtěch Preissig (1873-1944) em 1917. Ele criou esses pôsteres a pedido do Escritório de Recrutamento da Tchecoslováquia (sediado nos Estados Unidos, onde ele morava na época), como parte de uma campanha de alistamento, voltada para imigrantes tchecos, para lutar durante a Primeira Guerra Mundial.

ESTE EXEMPLAR É O DE NÚMERO

.....

DE UMA TIRAGEM DE 1.000 CÓPIAS.